

1. Introdução

O intuito dessa dissertação de mestrado é analisar os alicerces do pensamento do intelectual islâmico, Hassan al Banna, especialmente seu projeto de reforma e para o qual ele usou a palavra *islaah* (اصلاح: curar os corações debilitados e descrentes em si próprios pertencentes aos indivíduos), começando um vocabulário religioso de grande impacto para o Egito do início do século XX.

Após diagnosticar o enfraquecimento ou estagnação das comunidades muçulmanas – particularmente em relação a compreensão e prática dos ensinamentos islâmicos na vida cotidiana – asfixiadas pela dependência e influência político cultural em relação ao Ocidente, al Banna criou a associação islâmica denominada os Irmãos Muçulmanos (*al Ikhwan al Muslimin* – المسلمين الأخوان), em 1928 no Egito, no período em que este se encontrava sob repressivo comando britânico.

Nesse período as metrópoles europeias partilhavam as regiões sob seu domínio em esferas de influência de acordos com seus interesses políticos e financeiros, principalmente o fim do Império Otomano em 1924. Este sofreu desagregação dos seus territórios e com Tratado de Sévres (1920) o mesmo cedeu grande parte de seus domínios para as potências europeias, especificamente Inglaterra e França.

Ao criar os Irmãos Muçulmanos, Hassan al Banna propunha então o resgate ou a revivência dos princípios sociais, políticos, morais e culturais islâmicos na sociedade egípcia e no mundo muçulmano, a partir da elaboração de um projeto reformador e educativo fundamentado na teoria e história da civilização islâmica e tendo com fontes primárias o Alcorão(القران)¹ e os hadiths (الحديث)². Pois o objetivo maior desse projeto era a formação do indivíduo

¹ Palavra em língua árabe que significa leitura, recitação, lembrança, discernimento e entre outros. O que sugere ao leitor realizar essas ações quando tiver lendo Alcorão. Este é considerado pelos muçulmanos como um Livro sagrado, sendo o último livro revelado por Deus como guia de vida para toda humanidade. Ele foi revelado em língua árabe e é composto de 114 capítulos (*suratas* – سورة), nas quais se encontram histórias dos povos passados; leis que regulamentam a vida do muçulmano; fatos científicos; previsões, que mostram como será a vida futura; histórias e também dá ao crente conhecimento acerca de seu Criador. Além disso, seu estudo compõem uma ciência e é a primeira principal fonte da legislação islâmica.

² Palavra em língua árabe que significa comunicação ou acontecimento e também remete a dominação dada pelos muçulmanos ao relato do conjunto dos dizeres, da prática, da concordância

muçulmano e conseqüentemente da família muçulmana e da nação muçulmana (*ummah muslimah* – أمة مسلمة). Em síntese, o que al Banna entenderia como um processo do renascer islâmico.

É importante desde já ressaltarmos que o projeto de reforma de al Banna ambicionou não apenas um alcance nacional mas também internacional, em outras palavras, um programa de cunho educativo islâmico voltado as pessoas comuns e que ultrapassasse as fronteiras territoriais ou nacionais (*haad* – الحد)³. Talvez, isto seja o que há de mais político no pensamento desse intelectual.

Também é interessante observarmos que pela leitura do título dessa dissertação, é possível percebermos que al Banna compartilhava com seus antecessores reformadores: al Afghani, Muhammad Abduh e Rashid Ridda: o projeto de reviver das sociedades muçulmanas, as quais se encontravam em estado de decadência em relação ao entendimento e prática de sua religião. O caminho escolhido para reformá-la foi a reeducação do indivíduo consciente de suas responsabilidades perante à religião, a sociedade e ao mundo, sendo capaz de reivindicar e agir socialmente e politicamente em benefício destes.

O caminho que escolhemos para realizar essa análise foi tentar compreender a proposta de Hassan al Banna na direção da reeducação dos corações e mentes dos indivíduos muçulmanos e numa escala maior das sociedades muçulmanas. Nesse sentido, procuramos considerar a relação entre texto e contexto político social, além de abordarmos a formação e a trajetória desse intelectual islâmico.

Ao longo desse trabalho utilizamos como documentos: *Peace of Islam; Letter to a Muslim Student; A educação do jovem* (palestra proferida na Sociedade dos Jovens Muçulmanos no Egito, em 1927); e as epístolas, uma coletânea de

e descrição do profeta Muhammad, incluindo o contexto histórico envolvido e a cadeia de transmissão. O texto que compõem um *hadith* pode ser classificado como fraco (*da'if* – ضعيف), autêntico ou confiável (*sohih* – صحيح) e plausível ou aceitável (*hassan* – حسن). E o estudo dessas narrações históricas formam uma das ciências islâmicas, a qual serve de referência para a regulamentação da vida do muçulmano, sendo a segunda principal fonte da legislação islâmica. É importante dizermos que dentro da ciência do *hadith* encontra-se a *sunnah* (سنة), ou seja, a tradição ou o conjunto de práticas e hábitos do profeta Muhammad.

³ Palavra em língua árabe que significa limite, em que as fronteiras políticas se equivalem aos limites da comunidade religiosa, ou seja, as fronteiras da nação islâmica (*hodod al Ummah islamiah* – حدود الأمة الإسلامية).

artigos localizados no livro, *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna, 1906 - 1949*.

Gostaríamos de ressaltar as dificuldades para acessar esses escritos, talvez por ser um tema ainda muito pouco tratado no universo acadêmico; e também por que a voz al Banna, como veremos nas páginas sobre sua biografia, foi bruscamente silenciada por seus opositores (particularmente os colonizadores ingleses e as autoridades governamentais egípcias sob o comando dos primeiros), que o viam como uma grande ameaça aos seus interesses políticos e econômicos e por perceberem a gigantesca influência que tinha junto a população egípcia (especificamente sob os egípcios muçulmanos).

Estudarmos o projeto de reforma educacional islâmica de al Banna e a organização muçulmana fundada por ele, os Irmãos Muçulmanos, é de considerável relevância por primeiramente ser uma inquietação pessoal e intelectual, especialmente por ser muçulmana, e também por acreditar que uma das incumbências de um trabalho acadêmico é ter responsabilidade no momento em que se estiver produzindo conhecimento, buscando não estar enclausurado em seu escritório apenas estudando o mesmo tema e conseqüentemente não desenvolvendo, muitas vezes, capacidades intelectuais para abordar assuntos necessários e relacionados a problemas políticos e sociais do seu presente vivido; e outra tarefa é de não submeter seu trabalho acadêmico a justificar e até legitimar interesses e atos governamentais, que não se preocupam com a preservação da integridade ou dignidade do ser humano.

Em segundo, por ser um tema atual e peculiar pouco abordado no universo acadêmico, particularmente o brasileiro, mas que segundo o filósofo islâmico Tariq Ramadan⁴ vêm crescendo, por se perceber, que no fundo não existe o eu e o ele (o outro⁵), mas sim o nós (a humanidade) que é caracterizado pela riqueza da

⁴ Tariq Ramadan (1962), um intelectual muçulmano formado em filosofia e letras árabe islâmica. Nos dias é professor de filosofia, literatura e estudos islâmicos em Cambridge, Inglaterra. É importante dizermos, que Ramadan é engajado no debate sobre a situação os muçulmanos no Ocidente contemporâneo, assim, contribuindo frequentemente para as reflexões de um redespertar islâmico nas comunidades muçulmanas.

⁵ Esse outro refere-se ao sujeito colonial, ou o colonizado ou marginalizado, de acordo com cada contexto histórico.

diversidade de todos os tipos imagináveis, portanto, o entender o “outro”, nada mais é que compreender a si mesmo.

Em terceiro, pelo fato de que a associação dos Irmãos Muçulmanos ser, nos dias de hoje, um movimento reformador islâmico de cunho social e político que conta com milhões de integrantes ou simpatizantes. Suas ideias são utilizadas, atualmente, como método de ensino aos estudantes muçulmanos, sobretudo para formação de divulgadores nas instituições islâmicas. Assim sendo, o pensamento de al Banna se estendeu por todo mundo muçulmano e incentivou a formação de movimentos semelhantes, particularmente ao final da Segunda Guerra Mundial, em países como Síria, Sudão, Jordânia, Golfo, países no norte da África e entre outros.

Em quarto, por estarmos vivendo em um período de crise de paradigmas, que confrontam o discurso ético com os interesses políticos e econômicos. As ações intervencionistas norte americanas em alguns países árabes são muito “esclarecedoras” em relação a isto, pois a figura desqualificada do outro é personificada pelo mundo árabe, principalmente pelo Islam (اسلام)⁶. Como disse Said:

*"[...] o que é definido atualmente como islã, tanto na Europa como nos Estados Unidos, pertence ao discurso do orientalismo, uma construção fabricada para fomentar hostilidade e antipatia contra uma parte do mundo que por acaso tem importância estratégica devido ao seu petróleo, sua proximidade ameaçadora do mundo cristão e sua formidável história de rivalidade com o Ocidente"*⁷.

Podemos observar isto no universo da mídia, onde a imprensa pode influenciar negativamente a opinião pública com distorções e informações deturpadas em relação ao Islam. Normalmente os principais aspectos da religião são, na maioria das vezes, mal compreendidos ou mal interpretados, principalmente após o 11 de setembro de 2001. Trazendo consigo a ideia desse outro ser “inimigo” da modernidade ocidental, perdendo-se a riqueza da

⁶ Palavra em língua árabe que significa paz, tranquilidade ou entrega a Deus, ou seja, a busca do ser humano em atingir essa paz dada à ele por Deus, seu Criador.

⁷ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Pedro Maia Soares (trad.). São Paulo. Companhia das Letras, 2003, p 333.

diversidade dos pensamentos e culturas do mundo islâmico. Uma vez que o Islam em cada canto do mundo que existe é diferente e único.

Torna-se necessário, então, compreendermos o motivo pelo qual se considera os Irmãos Muçulmanos e seus apoiadores como inimigos da modernidade ocidental e no qual o Ocidente e o mundo islâmico são vistos como incompatíveis, em que o Islam é considerado pelo primeiro como um outro negativo.

Nesse âmbito, gostaríamos de propor ao leitor tentar ver o mundo muçulmano por meio de um olhar rico, de múltiplas perspectivas e numa escala mais ampla em relação ao homem e produção de conhecimento.

*"Mas obra do homem está apenas começando
resta ao homem conquistar toda
a violência entrincheirada nos recessos de sua paixão
E nenhuma raça possui o monopólio da beleza,
da inteligência, da força, e há lugar
para todos no encontro da vitória"⁸.*

A quinta e última relevância, é que o pouco caminho percorrido no estudo desse tema nos permitiu perceber que o mundo muçulmano também observa e reflete sobre o mundo ocidental, não apenas com um olhar de negação como normalmente é divulgado, entretanto de diálogo e apropriação. Capaz de criar um projeto de sociedade ideal, a partir da composição de um discurso, em que se utilizam categorias normalmente consideradas ocidentais como homem moderno, nação, modernidade e entre outras, mas redefinindo suas significações.

No primeiro, capítulo buscamos tratar da formação e trajetória intelectual de Hassan al Banna, especialmente sua experiência como líder da associação criada por ele, os Irmãos Muçulmanos. Também abordarmos os pensadores islâmicos que influenciaram os pensamentos de al Banna, principalmente seu projeto de reforma e educação; e a estrutura e funcionamento dos Irmãos.

⁸ Poeta martinicano, Aimé Césaire IN SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, Op. cit, p 336.

No segundo capítulo, procuramos estudar o pensamento de al Banna e analisar seu projeto de reislamizar as sociedades muçulmanas a partir da compreensão da universalidade da mensagem islâmica, da aproximação do homem com Deus, do retorno aos ensinamentos islâmicos, levando em consideração quando, onde e para quem ele está falando, escrevendo e dialogando.

No último e terceiro capítulo, buscamos realizar algumas considerações e críticas à respeito das ideias de Hassan al Banna, particularmente à metodologia de trabalho escolhida por ele.